

# SOFRIMENTO PSÍQUICO EM BANCÁRIOS BRASILEIROS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

*Cíntia Aline de Carvalho<sup>1</sup>  
Sandra Yvonne Spiendler Rodriguez<sup>2</sup>*

## RESUMO

*Este artigo objetiva apresentar os resultados de uma revisão sistemática da literatura sobre o sofrimento psíquico de bancários brasileiros que foi realizada por meio da consulta às bases de dados: SciELOBrasil, LILACS e PePSIC. Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: (a) artigos publicados no período de 2004 a 2014; (b) artigos publicados em língua portuguesa; (c) estudos empíricos; (d) artigos com o objetivo de avaliar o sofrimento psíquico de bancários brasileiros. A busca foi realizada no mês de Março de 2014 e incluiu artigos publicados no período de 2004 a 2014. Foram selecionados 7 estudos cujos resultados apontam necessidades de estudos de método quantitativo ou misto e delineamento longitudinal. Apontam também a carência de estudos que enfoquem características de personalidade e as defesas psíquicas utilizadas e de conhecimento do perfil sócio demográfico e laboral dos bancários.*

***Palavras-chave:*** *sofrimento psíquico; psicodinâmica do trabalho; bancários.*

---

<sup>1</sup> Faculdade de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul – FADERGS.

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

## **PSYCHIC SUFFERING OF BRAZILIAN BANK WORKERS: A SYSTEMATIC REVISION OF THE LITERATURE**

### **ABSTRACT**

*This article aims to present the results of a systematic revision of the literature about psychic suffering of Brazilian bank workers that was produced by consulting the databases: SciELOBrasil, LILACS and PePSIC. The following criteria for inclusion were considered: (a) articles that were published between 2004 and 2014; (b) articles published in Portuguese; (c) empiric studies; (d) articles that aim to evaluate the psychic suffering of Brazilian bank workers. The search was performed in March 2014 and has included articles published between 2004 and 2014. The results point to the necessity of new studies of quantitative or mixed method and longitudinal outlining, as well as the development of tools that evaluate the indexes of psychic suffering. Also points to the lack of studies which focus on personality characteristics and the psychic defenses used.*

**Keywords:** *psychic suffering; psychodynamics of work; bank workers.*

## 1 INTRODUÇÃO

O sofrimento psíquico na atividade bancária tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores, os quais têm apontado uma expressiva recorrência de afastamentos do contexto do trabalho devido às doenças ocupacionais (DEJOURS, 2003; RESENDE e MENDES, 2004; SILVA, PINHEIRO e SAKURAI, 2007; RISCI, 2008; SANTOS JUNIOR, MENDES e ARAÚJO, 2009; OLTRAMARI, GRISCI e WEBER, 2011). Em estudo realizado entre 1996 e 2005, verificou-se que houve 181 suicídios de trabalhadores do setor financeiro, o que equivale a uma morte consumada a cada vinte dias e uma tentativa de suicídio diária (SANTOS, SIQUEIRA e MENDES, 2011).

O sofrimento psíquico identificado na categoria bancária relaciona-se a diversos transtornos psíquicos como esgotamento profissional, depressão, estresse, entre outros. Mensalmente, mais de 1000 bancários afastam-se das suas atividades por problemas de saúde, principalmente acometidos por doenças relacionadas a sofrimento psicológico (SANTOS, SIQUEIRA, MENDES, 2011). Além disso, segundo a Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (CONTRAF, 2014), apesar de nos últimos anos a categoria bancária ter conseguido incluir na Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) importantes cláusulas sobre a saúde do trabalhador, a situação, neste setor, ainda continua crítica.

Neste contexto, Enriquez (1999) salienta que o sofrimento diz respeito à capacidade de suportar alguma coisa desagradável, especialmente, quando o sujeito não possui os meios para agir sobre as causas e a fuga é algo impossível no momento. Nas palavras de Enriquez (1999, p.100): “[...] ao contrário da felicidade, a experiência cotidiana de infelicidade muito mais facilmente pode nos acometer, uma vez que qualquer situação desejada pelo princípio do prazer, ao se prolongar, produz tão somente uma satisfação medíocre”.

Segundo a perspectiva psicanalítica, há três principais fontes das causas do sofrimento, que são: “(a) infelicidade de nosso corpo condenado à decadência; (b) infelicidade provocada por nosso encontro com as forças naturais obstinadas em nos destruir; e (c) infelicidade provocada pelas relações que estabelecemos com nossos semelhantes” (ENRIQUEZ, 1999, p.100).

Na compreensão de Roudinesco (2000, p.13), o sofrimento psíquico pode manifestar-se sob formas distintas, sendo uma delas a depressão. Essa depressão atinge o corpo e a alma como “uma estranha síndrome em que se misturam a tristeza e a apatia, a busca de identidade e o culto de si mesmo; [...] o sujeito busca vencer o vazio de seu

desejo”. Aspectos semelhantes podem ser observados nas colocações de Vaisberg e Ambrósio (2003, p.18), ao afirmarem que o sofrimento (o mal-estar, a doença, o patológico), caracteriza-se por ser uma ruptura do equilíbrio da representação que o ser humano faz de si mesmo. Esse desequilíbrio, difícil de suportar, “causa sensações desagradáveis, equivalente, no plano físico, à dor física, podendo o sofrimento psíquico e a dor física converterem-se uma na outra ou se sobreporem uma a outra” (VAISBERG e AMBRÓSIO, 2003, p.18).

O prazer e o sofrimento laboral estão intimamente ligados à carga psíquica imposta ao sujeito na sua relação com o trabalho (DEJOURS, 1998). Essa carga psíquica está relacionada, segundo Dejours (2003), ao espaço de liberdade presente no trabalho, que possibilita negociações e ações operacionais. No entanto, quando a possibilidade de negociação falha ou atinge seu limite, a relação entre o homem e a empresa é dificultada, surge espaço para instalação do sofrimento laboral. Por outro lado, o prazer ou sofrimento profissional não provém apenas do trabalho, mas deriva também das condições disponíveis pelo trabalhador para construir sua identidade no trabalho. Nessa linha de raciocínio, diante da insatisfação, os trabalhadores constroem sistemas defensivos “de maneira que o sofrimento não é imediatamente identificável. Disfarçado ou mascarado, o sofrimento só pode ser revelado através de uma capa própria a cada profissão, que constitui de certa forma sua sintomatologia” (DEJOURS, 1998, p. 133).

Para equilibrar o prazer-sofrimento no trabalho, Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994) apontam que é necessário utilizar vias de descarga psíquicas, como, por exemplo, um novo arranjo da organização do trabalho. Isso porque, quando as energias psíquicas se acumulam e não encontram vias de descarga, a atividade profissional converte-se em sofrimento, indo desde uma leve fadiga até um completo estado de desgaste. Desse modo, “o trabalho se revela essencialmente ambivalente, podendo causar infelicidade, alienação e doença mental, mas pode também ser mediador da autorrealização, da sublimação e da saúde” (DEJOURS, 2006, p.98).

Dentre as atividades profissionais que são permeáveis ao sofrimento destaca-se a profissão bancária. Segundo Santos et al. (1992), a profissão bancária tem sido uma atividade de forte risco ocupacional devido ao alto índice de prejuízos à saúde, decorrente das diversas doenças ocupacionais que a circundam.

Nos anos 80 ser bancário, sobretudo de banco público, era uma posição socialmente privilegiada e de grande prestígio. Tal profissão era sinônimo de inteligência dada a necessária aprovação por concurso público e a relativa estabilidade financeira que ela proporcionava (SANTOS et al. 1992). Contudo, percebe-se que a realidade vivida pelos

bancários está cada vez mais difícil. A pressão diária aos bancários é percebida, principalmente, por meio do atendimento ao cliente, das cobranças por metas e pela venda de serviços. Esses profissionais precisam mostrar continuamente que são produtivos e competentes e é justamente neste contexto de cobranças constantes que os bancários defrontam-se com o sofrimento psíquico. Grande parte destes profissionais acaba adoecendo, pois não consegue mais se manter saudável e com força suficiente para atender a tantas exigências da organização (COOPER, 2007).

Um dos principais fatores do aumento do sofrimento psíquico de profissionais bancários está relacionado às mudanças estruturais no setor financeiro, ocorridas a partir de 1990. Para Silva, Pinheiro e Sakurai (2007), a partir da década de 90 houve transformações importantes no cenário econômico do Brasil, as quais desencadearam uma grande onda de desregulamentações nas mais distintas esferas do mundo do trabalho. Em função disso, houve um aumento na instabilidade de empregos, ou melhor, uma redução do nível de emprego formal, demissões em massa, aumento das terceirizações, inserção expressiva de automação e a crescente substituição dos funcionários por estagiários. Já Grisci (2008) explica que houve uma mundialização e financeirização da economia desde 1990 e isso tem provocado uma reestruturação produtiva contínua das instituições financeiras, como é o caso dos bancos. A economia gira, atualmente, em torno do setor de serviços, por meio de trocas de informações e conhecimento (trabalho imaterial). Desse modo, segundo Silva, Pinheiro e Sakurai (2007, p.2950), aumentou a corrida para o modelo de acumulação flexível, por meio da maleabilidade dos processos de trabalho, dos produtos e padrões de consumo: “[...] como resultado dessa nova fase de acumulação, a mão de obra tem se tornado cada vez mais barata e os trabalhadores têm se sujeitado a cargas de trabalho cada vez maiores”.

Dentre as consequências dessa reestruturação produtiva, observa-se um agravamento dos problemas de saúde dos trabalhadores bancários nas últimas décadas, essencialmente, ligados a transtornos mentais, comportamentais e osteomusculares (SANTOS JUNIOR, MENDES e ARAÚJO, 2009). Isso porque a reestruturação alterou profundamente a qualidade e a natureza do trabalho no setor bancário, o qual possui foco no trabalho imaterial, ou seja, nas demandas que extrapolam o plano do saber técnico e envolvem afetividade, criatividade, interação humana, cooperação e comunicação (OLTRAMARI, GRISCI e WEBER, 2011). Neste modelo de trabalho imaterial, “[...] retornaram, assim, as capacidades cognitivo-afetivas que a organização do trabalho no modelo taylorista havia rechaçado”; uma vez que é a “alma do operário que deve descer na oficina” e não somente

suas habilidades, conhecimentos e competências que estão em voga no momento (OLTRAMARI, GRISCI e WEBER, 2011. p.107).

Assim como em outras organizações, as instituições financeiras como um todo evoluíram de tal forma que se tornam protagonistas ditando modelos de gestão e sendo decisivas na produção da identidade dos sujeitos, “ocupando os vazios deixados por outras instituições para introduzir as referências norteadoras da sociedade” (SANTOS, SIQUEIRA e MENDES, 2011, p.360). Em decorrência dessas mudanças, os trabalhadores contemporâneos organizam suas vidas em torno do seu trabalho, relegando a um segundo ou terceiro plano o lazer, amigos e familiares. Assim, o trabalhador desenvolve relações afetivas com o seu trabalho, fazendo com que a organização seja o núcleo de sua vida, o que pode ser um fator de risco ao adoecimento psíquico do trabalhador (SANTOS, SIQUEIRA e MENDES, 2011).

É justamente a partir desse cenário, que o olhar sobre as intercorrências do sofrimento psíquico em bancários ganha preponderância na promoção de saúde no trabalho. Sendo assim, o presente estudo busca a sistematização de estudos disponíveis dentro da temática escolhida, na tentativa de consolidar o conhecimento sobre o sofrimento psíquico na atividade bancária e de ordenar um conjunto de informações e resultados já obtidos por estudos realizados tendo em vista o propósito de apontar possíveis avanços que podem ser realizados por novos estudos (BRINER, 2012). Tal caminho será percorrido por meio da realização de uma revisão sistemática da literatura, a qual pretende auxiliar na compreensão do que já se sabe sobre a temática escolhida, bem como apontar lacunas na produção de conhecimento (SAMPAIO e MANCINI, 2007). O presente estudo se propôs a sistematizar e analisar as evidências empíricas sobre o sofrimento psíquico em bancários, disponíveis nos últimos 10 anos, publicados na bases de dados Lilacs, Pepsic e Scielo, cujo objetivo fosse a avaliação do sofrimento psíquico na atividade bancária.

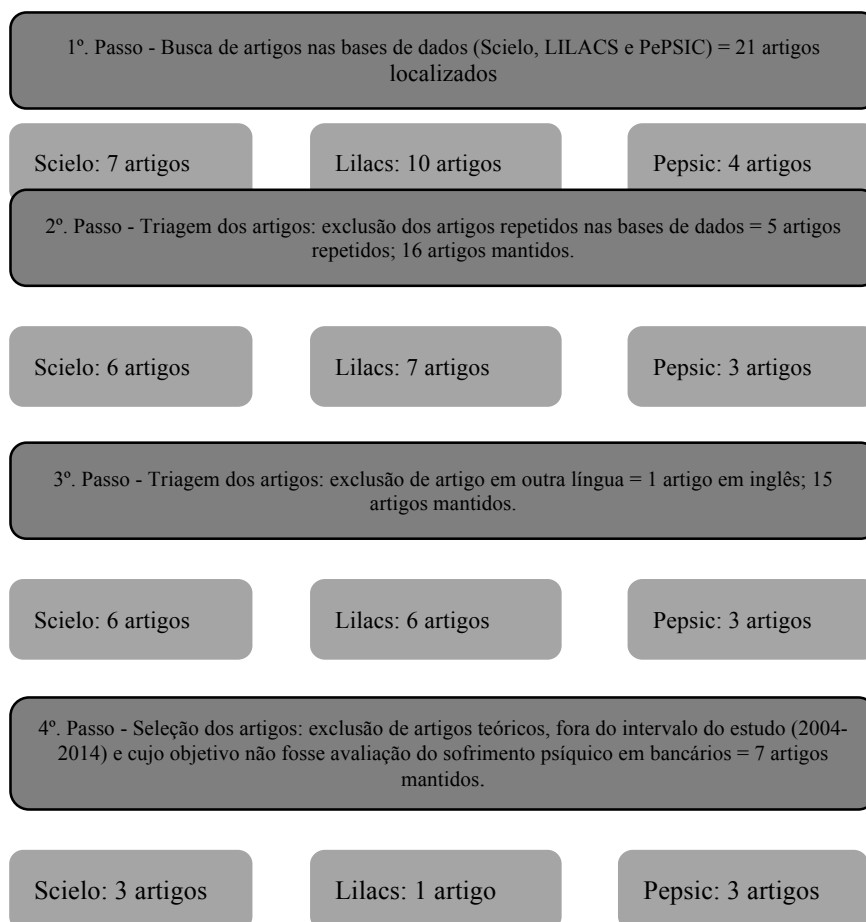
## **2 MÉTODOS**

Para fins deste estudo, realizou-se a pesquisa bibliográfica mediante a busca eletrônica de artigos indexados nas seguintes bases: SciELOBrasil (<http://www.scielo.com.br>), LILACS - Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (<http://www.bireme.br>) e PePSIC - Periódicos Eletrônicos em Psicologia (<http://pepsic.bvs-psi.org.br>). Para isso, utilizaram-se as seguintes palavras-chave: “sofrimento” and “bancários”; “sofrimento psíquico” and “bancários”; e/ou “sofrimento

mental” and “bancários”. A busca foi realizada no mês de Março de 2014 e incluiu artigos publicados no período de 2004 a 2014.

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: (a) artigos publicados no período de 2004 a 2014; (b) artigos publicados em língua portuguesa; (c) estudos empíricos; (d) artigos com o objetivo de avaliar o sofrimento psíquico de bancários brasileiros. O processo de busca e seleção dos estudos se deu conforme esquematizado na Figura 1.

Figura 1 - Esquema de seleção dos artigos



Como demonstra a Figura 1, o primeiro passo na seleção dos artigos foi realizado por meio da busca de artigos nas bases de dados definidas, momento em que foram identificados 21 artigos relacionados às palavras-chave escolhidas.

A seguir, após a leitura dos resumos dos 21 artigos, permitiu a realização de uma triagem com o objetivo de excluir os artigos repetidos entre e nas bases de dados. A partir disso, foram excluídos 05 artigos repetidos. Na sequência, foi excluído 01 artigo que não estava em língua portuguesa, mas em inglês, mantendo-se selecionados 15 artigos. Por fim, a leitura mais detalhada dos 15 artigos permitiu a exclusão dos artigos teóricos, os realizados fora do período pré-determinado pelo estudo e os que não se propuseram a analisar o

sofrimento de trabalhadores bancário brasileiros. Assim, foram selecionados 07 artigos para a análise.

De posse dos 07 artigos selecionados, realizou-se uma leitura completa de cada estudo na tentativa de organizar as informações de acordo com as seguintes dimensões: (1) Título do artigo e nome dos autores; (2) Periódico e ano de publicação; (3) Delineamento e Método; (4) Amostra e tipo; (5) Instrumentos; (6) Objetivo; (7) Resultados.

<b>Título do artigo/ Autores</b>	<b>Periódico/ Ano de publicação</b>	<b>Delineamen to/Método</b>	<b>Amostra/ Tipo</b>	<b>Instrumentos</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Características estudadas</b>
A sobrevivência como estratégia para suportar o sofrimento no trabalho bancário.  RESENDE, Sônia; e MENDES, Magnólia.	Revista RPOT - Psicologia, Organização e Trabalho (UFSC).  2004.	Transversal.  Quantitativo	210  Não Probabilística	-Inventário de Valores de Schwartz-IVS (Tamayo e Schwartz, 1993; e Tamayo, 1994).  -Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no trabalho validada por (Pereira, 2003).	Investigar as vivências de prazer e sofrimento e suas relações com os valores individuais no trabalho bancário.	-Estratégias de defesas.  - valores individuais  -Aspectos envolvidos na sujeição ao sofrimento.  -Origem do sofrimento.
Nomadismo involuntário na reestruturação produtiva do trabalho bancário - 1998 a 2003.  GRISCI, Carmem Ligia Iochins; CIGERZA, Gilles Chemale; HOFMEISTER, Pedro Mendes; E BECKER, João Luiz.	RAE - Revista de Administração de Empresas.  2006.	Longitudina l.  Misto (Quali e Quantit.).	44  Não probabilística.	-Entrevistas semi-estruturadas;  -Fontes documentais.	Mapear e analisar a mobilidade – transferências de lugar e/ou de cargo – de sujeitos da reestruturação numa instituição bancária pública; e apresentar as consequências da reestruturação a partir da visão dos bancários.	- A relação das variáveis laborais e o sofrimento psíquico.  - Consequências do nomadismo involuntário e da reestrutura nas relações e no trabalho.
Experiência em	Revista	Transversal.	13	-Grupos Focais	O estudo	- Punição do



clínica do trabalho com bancários adoecidos por Ler/Dort.  JÚNIOR, Adalberto Vital dos Santos; MENDES, Ana Magnólia; e ARAÚJO, Lucian e Kozicz Reis.	Psicologia, Ciência e Profissão. 2009.	Qualitativo.	Não probabilística.	-Intervenções em dois grupos.	apresenta intervenção em clínica do trabalho, com grupos de bancários acometidos de LER/DORT, fundamentada na psicodinâmica do trabalho.	trabalhador pelo adoecimento. -Os fatores organizacionais associados ao adoecimento. -Consequências do adoecimento.
LER e planos de demissão voluntária: trajetórias de dor e sofrimento entre bancários.  CARRIJO, Débora Couto de Melo; e NAVARRO, Vera Lucia.	Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. 2009.	Transversal.  Qualitativo.	10  Não probabilística.	-Entrevista	Conhecer o que determinou o adoecimento e quais foram as repercussões das LER no trabalho e na vida dos bancários.	-Efeitos das mudanças no mundo do trabalho e sua relação com o sofrimento psíquico - A utilização dos PDV's como mecanismo de pressão.
Sofrimento no trabalho e imaginário organizacional: ideação suicida de trabalhadora bancária.  SANTOS, Marcelo Augusto Finazzi; SIQUEIRA, Marcus Vinícius Soares; MENDES, Ana Magnólia.	Psicologia & Sociedade. 2011.	Transversal.  Qualitativo.	01  Não probabilística.	-Entrevista	Examinar as relações entre o imaginário organizacional difundido pelas empresas e o sofrimento no trabalho no contexto das reestruturações produtivas.	-O lugar que o trabalho ocupa na vida do trabalhador. -Consequências a dedicação ao trabalho -As pressões organizacionais e os prejuízos a saúde física e psíquica e as relações familiares do trabalhador.
Carreira e relações familiares:	Revista Mal Estar e Subjetividade	Transversal.  Qualitativo.	20  Não	Entrevista	Levantar dilemas pessoais	-Impactos físicos, psíquicos e familiares da do

dilemas de executivos bancários.	e - Fortaleza. 2011.		probabilística.		relativos à carreira vividos por executivos bancários e como isso repercute nas suas relações familiares.	trabalho bancários - Percepção dos bancários acerca dos dilemas da profissão - Capacidade crítica reflexiva de bancários sobre o trabalho exercido.
OLTRAMARI, Andrea Poletto; GRISCI, Carmem Ligia Iochins; e WEBER, Lílian.						
Organização do trabalho e saúde de trabalhadores bancários.	Revista Latino-Am. Enfermagem. 2012.	Transversal. Qualitativo.	11 Não probabilística.	Entrevista	Investigar as condições de trabalho de bancários, para identificar em que medida as mudanças na organização do trabalho interferiram na saúde desses trabalhadores.	-As implicações das mudanças organizacionais sobre o adoecimento físico e psíquico dos bancários.
SILVA, Juliana Lemos; e NAVARRO, Vera Lucia.						

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verifica-se que a maioria dos estudos sobre o sofrimento do bancário é publicado em revistas de Psicologia (n=3; 43%), embora haja também interesse na temática em outras áreas de conhecimento como a enfermagem e a administração, o que demonstra que os elementos da psicodinâmica do trabalho são objeto de estudo de interesse multidisciplinar (MARTINS e ROBAZZI, 2009).

Do ponto de vista metodológico, a maioria dos estudos vale-se do uso de método qualitativo (n=5; 71%). Os estudos qualitativos, segundo Chizzotti (2003), adotam várias formas de investigação para estudar o fenômeno no próprio local em que ocorre, procurando encontrar o sentido desse fenômeno e, ao mesmo tempo, interpretar os significados que as pessoas dão a eles. Em atenção, “o material primordial da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala cotidiana, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos” (MINAYO e SANCHES, 1993, p.245). O predomínio do método qualitativo identificado nos estudos analisados vai ao encontro da tradição das ciências humanas e sociais, as quais se propõem olhar para a subjetividade dos fenômenos,

buscando “extrair do convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis com uma atenção sensível do seu objeto de pesquisa” (CHIZZOTTI, 2003, p.221). O mesmo pode ser observado nas colocações de Minayo (1999, p.251), ao lembrar que a metodologia qualitativa é relevante na área da saúde, quando se pretende “compreender dimensões profundas e significativas que não conseguem ser aprisionadas em variáveis”.

Por outro ângulo, há necessidade de avanços de estudos quantitativos ou mistos (n=2; 29%). Neste sentido, Minayo e Sanches (1993, p.244) ressaltam que o grande potencial dos procedimentos quantitativos está “na presença de variabilidade aleatória, contida na possibilidade de se estabelecer inferência, neste caso chamado inferência estatística”. Além disso, na aplicabilidade de métodos mistos, não se tem contradição e sim continuidade. Ambos são de natureza diferente, pois enquanto o qualitativo atua em níveis da realidade com dados representando a linguagem dos sentidos, o método quantitativo trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (MINAYO e SANCHES, 1993).

O delineamento mais usado nos estudos foi o transversal (n=6; 86%). Para Francisco et al. (2008), os estudos transversais tem crescido particularmente na área da saúde, sendo amplamente usados nas mais diferentes áreas do conhecimento. Os estudos transversais são mais rápidos e menos caros, se comparados aos longitudinais (FRANCISCO et al., 2008) e todas as medições são realizadas em um único momento. Por outro lado, os estudos com delineamento longitudinal focam em mudanças dos fenômenos ao longo do tempo, permitindo analisar evoluções e não somente a sua avaliação em um dado e único momento. Hochman (2005) destaca que o delineamento longitudinal pode mostrar a evolução e as diferenças individuais entre os sujeitos, mas também enfrentar a perda dos sujeitos ao longo do estudo e precisa de mais tempo para ser realizado. “São os estudos onde existe uma sequência temporal conhecida entre uma exposição, ausência da mesma ou intervenção terapêutica, e o aparecimento da doença ou fato evolutivo” (HOCHMAN, 2005. p.3). Neste estudo, observou-se a presença de um único estudo longitudinal (14%), o qual se propôs a acompanhar o sofrimento do bancário entre 1998 e 2003.

Observa-se ainda que todos os estudos (n=7; 100%) fizeram uso de amostras não probabilísticas. De acordo com Levine et al. (2008), as amostras não probabilísticas apresentam vantagens como a conveniência, velocidade e baixo custo, no entanto, carecem de precisão e seus resultados não podem ser generalizados para o grupo como um todo. Os

estudos relacionados ao sofrimento do bancário apresentados estão em conformidade ao entendimento de Levine et al. (2008), ao explicar que as amostras não probabilísticas devem ser usadas especialmente em pesquisas de pequena escala, precedendo grandes investigações.

Entre os instrumentos de pesquisa utilizados para identificar aspectos ligados ao sofrimento do bancário, a entrevista foi a mais usada (n=4; 57%). A entrevista, segundo Gomes (1997), serve como um veículo para a comunicação e busca explorar o mundo vivido pelo sujeito. A entrevista é uma das ferramentas mais usadas nas pesquisas qualitativas (GIL, 2010), já que ela dá condições para que o entrevistador formule questões secundárias relacionadas, à medida que obtém respostas parciais do entrevistado. Neste contexto, Chizzotti (2003) ressalta que a entrevista auxilia no levantamento e compreensão da subjetividade, uma vez que nem tudo pode ser coletado ou transformado em números.

Ainda, ocorreu a utilização de grupos focais (n=1; 14,33%), como estratégia de pesquisa. Tal estudo parece utilizar instrumento de coleta de dados coerentes com os pressupostos da psicodinâmica do trabalho. Dejours (1998) destaca a importância de se discutir em grupo as condições e a organização do trabalho, bem como para delinear um diagnóstico dos efeitos prejudiciais disso à saúde física e mental dos trabalhadores. Assim, para o autor, a possibilidade de dar voz ao trabalhador é a forma mais adequada com vistas à expressão do adoecimento dos sujeitos.

Embora os estudos não privilegiem o uso de escalas para avaliação do sofrimento psíquico em bancários, identificou-se o uso da Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho, validada por Pereira (2003), em um estudo. A Escala de Prazer e Sofrimento no Trabalho consiste em uma escala de frequência, tipo Lickert, de cinco pontos, com de 30 itens distribuídos em quatro fatores: gratificação (alfa de Cronbach=0.89), liberdade (alfa = 0.82), insegurança (alfa = 0.80) e desgaste (alfa = 0.86). É um instrumento que apresenta um grau de confiabilidade nos quatro fatores, acima dos parâmetros mínimos esperados (0,7) (REZENDE e MENDES, 2004).

Em relação aos objetivos dos estudos, percebe-se que alguns autores (n=2; 28,57%) tentam compreender o impacto do sofrimento psíquico no trabalho, através do estudo de lesões por esforço repetitivo (LER/DOR), o que parece estar alinhado ao olhar sistêmico que se tem sobre a saúde do trabalhador. Segundo Miguel (2009), os problemas de saúde mental e física estão interligados, sendo que inúmeras pessoas sofrem tanto de problemas de saúde física como mental. O trabalhador precisa ser visto e compreendido de forma holística,

“respondendo às necessidades de saúde mental das pessoas com doenças físicas, assim como às necessidades de saúde física das pessoas com perturbações mentais” (p.23).

Outro aspecto diferenciado nos objetivos diz respeito ao fato de que a maioria dos estudos (n= 3; 43%) examina o impacto dos aspectos organizacionais sobre o adoecimento psíquico do bancário, especialmente, em relação às condições de trabalho. Neste sentido, Dejours (1998, p.25) descreve que as condições de trabalho consistem no (a) “ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, etc.); (b) ambiente químico (vapores, poeiras, etc.); (c) ambiente biológico (vírus, bactéria, fungos, etc.); (d) e condições de higiene de segurança do posto de trabalho”. Já a organização do trabalho diz respeito à “divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade, etc.” (DEJOURS, 1998, p. 25).

Em estudo proposto por Resende e Mendes (2004), cujo objetivo foi investigar as vivências de prazer e sofrimento e suas relações com os valores individuais no trabalho bancário, revela que esses profissionais utilizam-se de estratégias de defesas para poder suportar o sofrimento psíquico no trabalho. A benevolência e a segurança foram os valores de maior importância estratégica para lidar com o sofrimento na empresa. O elevado índice de desemprego da época e a necessidade em obter o sustento da família foram aspectos essenciais para que os bancários permanecessem no emprego. O estudo também evidenciou que o sofrimento dos bancários está relacionado, primordialmente, à organização do trabalho e não às características individuais do trabalhador.

Já o estudo de Grisci, Cigerza e Hofmeister (2006) que se propôs a estudar as consequências humanas advindas do nomadismo involuntário (transferências de lugar e/ou de cargo), revelou que a reestruturação produtiva acarretou mobilidade e efeitos psíquicos no trabalhador, sendo que os sujeitos mais velhos e com mais tempo de serviço foram os que sofreram maiores impactos, já que estes descenderam na hierarquia da empresa. Como consequências humanas, observou-se que o nomadismo involuntário precipita o sofrimento psíquico em razão de antecipar a aposentadoria, pelas demissões decorrentes de PDV (Programa de Demissão Voluntária), pelo rebaixamento hierárquico, pela instabilidade na no emprego e pela fragilização dos relacionamentos, dos laços de amizade e confiança constituídos até então.

Os programas de demissão voluntária (PDV) precipitaram sofrimento psíquico nos bancários porque anteciparam a aposentaria. Mesmo que o pedido de demissão fosse “voluntário”, havia pressão para que os profissionais aderissem ao programa, ou mesmo antecipassem sua aposentadoria. Em função do nomadismo ocorreu, ainda, a fragilização

dos vínculos de relacionamento entre os bancários. Ou seja, os vínculos de amizade, confiança e solidariedade, que levaram tempo para se concretizar, fragilizavam-se com a imposição e intensificação da mobilidade entre os bancários. O banco até utilizava estratégias para aumentar vínculos através de realização de festas extra empresa, mas estas gradativamente foram se tornando raras e se extinguíram, impossibilitando a construção de laços duradouros entre os bancários.

Outro ponto relacionado ao sofrimento do bancário apontado no estudo de Grisci, Cigerza e Hofmeister (2006) foi o aumento da instabilidade no emprego. Com a desvalorização da trajetória na empresa e o processo de garantir uma colocação a qualquer preço, além da pressão diária por metas e o aumento da competitividade e da maior valorização dos jovens, há um aumento expressivo da instabilidade de emprego. Os profissionais não “eram gerentes”, mas “estavam gerentes”, desconfiando da “própria sombra” como forma de manter-se no emprego. Percebe-se que o nomadismo involuntário contribuiu expressivamente para o surgimento da instabilidade nas relações pessoais e familiares dos bancários, sugerindo parecer que esses profissionais tinham perdido o controle das suas vidas e estavam à deriva das constantes modificações na organização do trabalho.

Estudo realizado por Júnior, Mendes e Araújo (2009), que realizaram uma intervenção em clínica do trabalho com dois grupos de bancários acometidos de LER/DORT, revela que a organização pune os bancários adoecidos através do isolamento espacial e social. Os profissionais acometidos pela LER/DORT não estavam mais “colaborando” com a organização do trabalho, caracterizada por regras “claras” de punições dirigidas àqueles que não correspondiam às expectativas da empresa. Inclusive, ocorreram casos em que os bancários lesionados e afastados foram proibidos de entrar na agência onde trabalhavam para evitar vínculo com colegas. Percebe-se que, além das questões de esforço repetitivo, houve diversos outros fatores ligados ao adoecimento dos bancários, como, por exemplo, rigidez da chefia, competitividade sem ética, sobrecarga de trabalho, pressão por metas, fragilização de vínculos e falta de reconhecimento. Dentre outros aspectos, os bancários tiveram que vender produtos (seguros, planos diversos, etc.) que nem mesmo eles comprariam e isso fez surgir um ambiente marcado por competições sem padrões éticos, fazendo com que o cumprimento da meta se sobrepusesse aos valores pessoais. Os vínculos de confiança e solidariedade foram altamente prejudicados pela rotatividade e pelas mudanças frequentes para outras agências (a cada dois anos). Em função disso, juntamente com os problemas relacionadas a LER/DORT, relevou-se a presença de sofrimento psíquico

pelo aparecimento de depressão, alteração no humor, isolamento social, aumento da ansiedade e autodepreciação.

Um segundo estudo ligado ao adoecimento por esforço repetitivo foi o de Carrijo e Navarro (2009), no qual foram entrevistados 10 sujeitos para conhecer o que determinou o adoecimento e quais as repercussões da LER no trabalho e na vida desses bancários. Observa-se que esse estudo veio a confirmar alguns resultados já destacados por Júnior, Mendes e Araújo (2009). O estudo revela que as mudanças no mundo do trabalho (tecnológicas e organizacionais) determinaram o sofrimento psíquico e adoecimento de bancários. Além disso, os PDVs foram utilizados como instrumentos de pressão para que os bancários se desligassem da empresa. Muitos dos “convidados” a participar de tais programas foram aqueles que adquiriram LER durante suas atividades na empresa. Segundo Carrijo e Navarro (2009, p.161), no primeiro documento do programa de demissão voluntária, realizado em 1995, que continha a planilha dos cálculos dos valores a receber de cada bancário, destaca-se a seguinte frase: “Aceitar o desligamento pode viabilizar a realização de um sonho. Encare o programa dessa forma”. A partir do estudo observou-se que o sofrimento de todos os entrevistados aumentou. Os bancários com LER passaram a exercer atividades “desrespeitadas” como organização de filas ou o simples oferecimento de informações. Isso fazia com que eles percebessem seu novo trabalho como algo de menor valor ou aquém de suas potencialidades, “forçando-os” à aceitação ao programa de demissão voluntária. Outros bancários com LER começaram a realizar tarefas nas quais não havia contato algum com o público, enaltecendo o sentimento de desvalorização, pois anteriormente atuavam em funções de “cartão de visitas” do banco. Diante disso, os bancários adoecidos por LER enfrentaram sofrimento psíquico não apenas nas questões profissionais, mas também nas atividades ligadas ao lazer, descanso, cuidados pessoais, etc., sendo a LER um marco em sua trajetória de vida e trabalho. Se, por um lado, as novas tecnologias incorporadas aos bancos aumentaram a produtividade, a eficiência e a lucratividade do setor, por outro, provocaram aumento da intensidade do trabalho, alterando as condições de trabalho e repercutindo diretamente na saúde dos bancários (CARRIJO e NAVARRO, 2009).

Em um estudo de caso realizado com uma bancária afastada por problemas derivados de adoecimento mental, Santos, Siqueira e Mendes (2011) verificaram que, dependendo do lugar que o trabalho ocupa na vida do trabalhador podem ocorrer consequências indesejáveis à saúde física e psíquica. A organização exerce uma dominação psíquica sobre o trabalhador através da difusão massiva dos valores da empresa, como os

sociais por exemplo, cuja gestão do afetivo se soma à gestão pelo medo. A bancária doa-se completamente às atividades bancárias, como forma de realização profissional e meio de fuga da realidade e, sendo assim sua vida passa a gravitar em torno da empresa. Contudo, sua dedicação não é reconhecida, o que favorece a presença de sentimentos de esvaziamento, sendo que a morte foi vista como uma provável saída do sofrimento psíquico. Neste cenário, Dejours e Begue (2010) salientam que, através da prática de obter lucro a qualquer custo, a solidão se abate sobre o mundo do trabalho. Isso acaba por destruir a solidariedade e o trabalho colaborativo, na medida em que as organizações se utilizam de “recompensas por desempenho”, o que pode ser entendido como um estímulo ao trabalho realizado de forma individual em detrimento do desenvolvimento de um espírito coletivo.

No estudo de Oltramari, Grisci e Weber (2011), buscou-se identificar dilemas pessoais relativos à carreira vividos por executivos bancários e entender como isso repercute nas suas relações familiares. O estudo realizado com 20 executivos sinaliza que nesse grupo os executivos bancários ficam disponíveis às atividades da empresa, direta ou indiretamente, 24h por dia. Mesmo estando em casa, os executivos estão atualizando-se sobre informações do mercado financeiro ou buscando melhor qualificação profissional e, apesar de estarem fisicamente junto da família, não conseguem se desligar dos meandros relacionados ao banco. Há ainda privação de sono dos executivos em função das atividades bancárias e relatos sobre dificuldades na convivência familiar dos executivos, sendo que a família fica relegada a um segundo plano. Apesar de a família estar preterida, esta se mostra uma aliada no trabalho dos executivos, tendo como motivação básica a manutenção de um estilo de vida propiciado pelo trabalho bancário. Um dilema expressivo apontado pelos executivos é que eles se sentem desconfortáveis quando não estão trabalhando, em função do hábito, velocidade e competitividade as quais estão expostos diariamente.

Silva e Navarro (2012) investigaram, por meio de um estudo feito com 11 bancários, os efeitos das mudanças organizacionais sobre a saúde física e psíquica dos trabalhadores. A nova organização do trabalho bancário foi marcada pela implantação de novas estratégias como a diversificação de produtos e serviços oferecidos pelos bancos, aumento da terceirização de serviços e flexibilização do trabalho, o que redefiniu diversas atividades tradicionais no trabalho bancário. As autoras observam que as mudanças ocorridas no setor determinam aspectos do sofrimento, provocando adoecimento físico e psíquico dos bancários. Observam ainda que as mudanças organizacionais acarretaram perda de sentimento de identidade, gerando sentimento de insegurança e frustrações nas atividades



bancárias, além de uma intensificação na pressão psicológica para o cumprimento de metas da empresa.

Os estudos apontam para um consenso no que se refere aos impactos de reestruturação produtiva na saúde física e psíquica dos trabalhadores. O sofrimento psíquico ocorre quando o trabalhador não percebe a possibilidade de rearranjo na organização do trabalho, o que culmina em sentimentos de desprazer (DEJOURS, 1998). Desse modo, o trabalhador está exposto a maior carga psíquica negativa e susceptível ao adoecimento físico e mental.

Outro ponto em comum nos estudos foi o destaque dado à importância do trabalho e ao lugar que ele ocupa na vida dos trabalhadores bancários, com repercussões importantes no convívio familiar e social dos bancários. Nos apontamentos de Dejours, Dessors e Desrioux (1993, p.101), a centralidade do trabalho caracteriza-se pela continuidade do trabalho fora dele: “a relação subjetiva com o trabalho leva seus tentáculos para além do espaço da fábrica ou do escritório, e coloniza profundamente o espaço fora do trabalho. A separação clássica em dentro do trabalho e fora do trabalho não tem sentido em sociologia do trabalho, assim como em psicodinâmica do trabalho”. A centralidade do trabalho está intimamente ligada à sobrecarga pela organização do trabalho, que se dá em função da ideologia da excelência e do desempenho, principalmente, quando o trabalho é visto essencialmente como uma fonte de sobrevivência. Além disso, a sobrecarga ocorre quando a centralidade do trabalho “leva o trabalhador a não se dar o direito de recusar qualquer oportunidade, aceitando mais demandas do que têm capacidade física, psicológica e social de aguentar” (CARRASQUEIRA e BARBARINI, 2010, p.15). Neste cenário, Dejours (2006) salienta que há uma precarização do trabalho em função da elevada competitividade e do desemprego estrutural, fazendo com que os trabalhadores praticamente vivam sob um estado de tensão e sofrimento frente a uma possível demissão. Pode estar havendo, assim, uma demasia na centralidade do trabalho o que auxilia profundamente para que muitos profissionais adoçam.

O terceiro ponto comum entre os estudos foi a existência de sinais de conflitos na relação trabalho-família. Direcionar o foco central da vida ao trabalho tem influenciado o desequilíbrio entre a vida pessoal e profissional. Mesmo que os trabalhadores estejam cientes de que suas atividades na empresa dizem respeito a determinado período do dia, muitos deles não conseguem se desligar de suas atribuições profissionais. Neste sentido, Mendes (2007, p.54) aponta que “a precarização dos empregos, o desemprego e as diversas formas de sofrimento no trabalho passam a ser naturais e justificadas em função das

mudanças socioeconômicas, sem se discutir as razões pelas quais essas mudanças ocorreram”. Para Santos, Siqueira e Mendes (2011), na atualidade, é comum muitos trabalhadores estruturarem suas vidas em função do trabalho e excluïrem outras dimensões importantes como o lazer, o encontro com amigos e estar com a família. Tornar o trabalho o núcleo da vida do trabalhador tem sido veiculado pela mídia especializada em negócios, “exaltando efusivamente as virtudes do super-herói organizacional, ou seja, o trabalhador acima da média, flexível e atualizado, que estrutura a sua existência em torno da empresa: não há espaço para os que não sejam obcecados pelo sucesso” (SANTOS, SIQUEIRA e MENDES, 2011, p.360).

Por outro lado, a análise dos estudos também mostrou importantes lacunas a serem preenchidas. Ampliar a agenda de estudos sobre o sofrimento psíquico em bancários é relevante uma vez que a publicação de estudos sobre o tema é ainda bastante incipiente, apesar da importância social desse grupo ocupacional. Em atenção, pode-se avançar na realização de estudos que se proponham a estudar as características de personalidade e o uso de defesas psíquicas dos trabalhadores como importantes elementos do sofrimento psíquico em bancários.

Sob a perspectiva metodológica dos estudos, aponta-se a necessidade de estudos de prevalência do sofrimento psíquico em bancários, como forma de subsidiar ações de promoção de saúde nesse grupo ocupacional. Nessa linha de raciocínio, a carência de estudos quantitativos de amostras probabilísticas e pesquisas longitudinais também se apresenta como novas possibilidades de estudos, o que, por um lado permitiria a generalização dos dados e, por outro, a compreensão da evolução dos aspectos derivados do sofrimento psíquico em bancários. Apenas um estudo analisou resultados de variáveis laborais, de forma que se evidencia a necessidade dos estudos compartilharem informações sobre perfil sócio-demográfico e laboral dos bancários, informações estas que auxiliam na compreensão das características dessa categoria profissional e suas associações com o adoecimento psíquico.

Sugere-se também a investigação do corpo teórico produzido até então sobre o tema proposto.

#### **4 CONCLUSÃO**

A revisão sistemática realizada e a análise dos resultados dos sete estudos selecionados permitiu observar os pontos consolidados pelos estudos, bem como apontar

novas lacunas a serem preenchidas e que poderão compor a agenda de pesquisadores interessados na temática.

O presente estudo apresentou algumas limitações associadas aos critérios de inclusão estabelecidos. A estratégia de busca foi limitada às publicações em língua portuguesa e com trabalhadores brasileiros. Sabe-se que em razão disso foi possível mapear evidências científicas restritas ao Brasil. Além disso, não foram mapeadas todas as bases de dados e o recorte de tempo limitou-se aos últimos dez anos de produção científica, sendo que é possível que estudos potencialmente significativos para fins de análise do sofrimento psíquico em bancários possam não ter sido identificados. O percurso deste estudo foi o mapeamento de estudos empíricos e, por isso, a síntese de informações derivadas de outras fontes bibliográficas, a exemplo de teses, dissertações ou revisões narrativas, não foram objeto de estudo desta revisão sistemática.

Por fim, embora o binômio prazer X sofrimento seja um importante aspecto da discussão da psicodinâmica do trabalho, este estudo centrou-se na investigação dos fatores associados ao sofrimento, de maneira que pesquisas voltadas para a investigação dos elementos associados ao bem-estar e satisfação no trabalho podem compor nova investigação.

## REFERÊNCIAS

CARRASQUEIRA, Flora Allain; BARBARINI, Neuzi. Psicodinâmica do trabalho: Uma reflexão acerca do sofrimento mental nas organizações. **Jornada de Saúde Mental e Psicanálise da PUCPR**, Curitiba, v. 5, n. 1, nov. 2010.

CARRIJO, Débora Couto de Melo; NAVARRO, Vera Lucia. LER e planos de demissão voluntária: trajetórias de dor e sofrimento entre bancários. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2009, vol. 12, n. 1, pp. 157-171.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação, ano/vol. 16, número 002. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2003, pp. 221-236.

CONTRAF - Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro. **GT do Adoecimento garante acesso aos dados sobre afastamentos**. Disponível em: < <http://www.bancariosdf.com.br/>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

COOPER, C. L. A natureza mutante do trabalho: o novo contrato psicológico e os estressores associados. In: ROSSI, A.M. (Org.). **Qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional** (pp. 3-8). São Paulo: Atlas; 2007.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

\_\_\_\_\_. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_. **O fator humano**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

\_\_\_\_\_. Por um novo conceito de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. v.14, n.54, p.7-11, abr/mai/jun,1986.

\_\_\_\_\_. Sofrimento, prazer e trabalho. In: DEJOURS, C. **Conferências Brasileiras. Identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho**. São Paulo: Fundap: EAESP/FGV, 1999, p. 15-48.

\_\_\_\_\_.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. Tradução M.I. Stocco Betiol (Org.) São Paulo: Atlas, 1994.

\_\_\_\_\_. & BÈGUE, F. **Suicídio e trabalho: o que fazer?** Brasília: Paralelo 15, 2010.

\_\_\_\_\_.; DESSORS, D.; DESRIAUX, F. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, n. 33, p.98-104, mai/jun. 1993.

ENRIQUEZ, E. Da Horda ao Estado: **psicanálise do vínculo social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

FRANCISCO, Priscila Maria S. Bergamo *et al.* Medidas de associação em estudo transversal com delineamento complexo: razão de chances e razão de prevalência. **Rev. bras. epidemiol. [online]**. 2008, vol.11, n.3, pp. 347-355.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, William B. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Psicol. USP** vol. 8 n. 2 São Paulo, 1997.

GRISCI, C. L. I. Trabalho imaterial, controle rizomático e subjetividade no novo paradigma tecnológico. **RAE – Eletrônica**, 7(1), 2008. Disponível em: <www.rae.fgv.br>. Acesso em: 3 mar. 2014.

\_\_\_\_\_.; CIGERZA, Gilles Chemale; HOFMEISTER, Pedro Mendes; BECKER, João Luiz. Nomadismo involuntário na reestruturação produtiva do trabalho bancário. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v.46., n.1, jan-mar., 2006, pp.27-40.

HOCHMAN, B. *et al.* Desenhos de pesquisa. **Acta Cir Bras [serial online]**, 2005; 20 Suppl. 2:02-9.

JÚNIOR, Adalberto Vital dos Santos; MENDES, Ana Magnólia; ARAÚJO, Luciane Kozicz Reis. Experiência em clínica do trabalho com bancários adoecidos por Ler/Dort. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, 29 (3), 2009, pp.614-625.

LEVINE, D. M.; *et al.* **Estatística: teoria e aplicações**. 5. ed. Rio de Janeiro: TLC, 2008. 752 p.

MARTINS, J. T., & ROBAZZI, M. L. D. C. C. O trabalho do enfermeiro em unidade de terapia intensiva: sentimentos de sofrimento. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 17(1), 52-58, 2009.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MIGUEL, José Miguel (Org.). **Integração da saúde mental nos cuidados de saúde primários: Uma perspectiva global**. Organização Mundial de Saúde e Organização. Portugal, out., 2009.

MINAYO, M. C. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 6 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1999.

\_\_\_\_\_. & SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

OLTRAMARI, Andrea Poletto; GRISCI, Carmem Ligia Iochins; WEBER, Lilian. Carreira e relações familiares: dilemas de executivos bancários. **Revista Mal Estar e Subjetividade - Fortaleza**, v.XI, n.1, mar., 2011, pp.101-133.

RESENDE, Sônia; MENDES, Magnólia. A sobrevivência como estratégia para suportar o sofrimento no trabalho bancário. **Revista RPOT - Psicologia, Organização e Trabalho (UFSC)**, 2004, v.4, n.1., jan-jun, pp.151-175.

ROUDINESCO, E. **Por que a Psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SAMPAIO, R.F.; MANCINI, M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SANTOS JUNIOR, A.V; MENDES, A. M. and ARAUJO, L. K. R. **Experiência em clínica do trabalho com bancários adoecidos por Ler/ Dort.** *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2009, vol.29, n.3, pp. 614-625. ISSN 1414-9893.

SANTOS, M. A. F.; SIQUEIRA, M. V. S.; MENDES, A. M. Sofrimento no trabalho e imaginário organizacional: ideação suicida de trabalhadora bancária. **Psicologia & Sociedade**, vol. 23, núm. 2, mai-ago., 2011, pp. 359-368.

\_\_\_\_\_.; SIQUEIRA, M. V. S. S.; MENDES, A. M.. Sofrimento no trabalho e imaginário organizacional: ideação suicida de trabalhadora bancária. **Psicologia & Sociedade**; 23 (2): 359-368, 2011.

SANTOS, U. P. *et al.* Síndrome dos edifícios doentes em bancários. **Rev. Saúde Pública**, vol.26, n.6, 1992, pp. 400-404.

SILVA, J. L.; NAVARRO, V.L. Organização do trabalho e saúde de trabalhadores bancários. **Revista Latino-Am. Enfermagem**, v.20, n.2, mar-abr., 2012, pp.1-8.

SILVA, L. S.; PINHEIRO, T. M. M.; SAKURAI, E. Reestruturação produtiva, impactos na saúde e sofrimento mental: o caso de um banco estatal em Minas Gerais, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 23(12):2949-2958, dez, 2007.

VAISBERG, Tância Aiello; AMBRÓSIO, Fabina Follador (Org.). **Trajetos dos sofrimentos: desenraizamento e exclusão.** São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 2002.